

RAZÃO E PAIXÃO: O QUE MOVE O AGIR ÉTICO DO HOMEM? UMA VISÃO NA ÓTICA DE DAVID HUME

Luan Motta de Oliveira¹
Canício Scherer²

RESUMO

A proposta deste artigo é primeiramente apresentar a teoria ética de Hume baseada nas paixões para, a partir daí, discutir o que move o agir ético do homem principalmente na atualidade. Neste percurso, faz-se uma breve contextualização da obra de Hume dentro da História da Filosofia, apresenta-se a teoria ética de Hume diferenciando a medida da paixão e da razão no homem, intenta-se justificar a teoria das paixões com a moral humeana e interpretar o agir humano atual. Assim, parte-se da análise da obra de Hume e, à luz dela, pela via da dedução, é feita uma reflexão e contextualização da sua teoria moral, subsidiado por ampla literatura. Dito isto, observa-se que a teoria moral de Hume indica que o agir humano nasce das paixões, uma vez que a ação moral manifestada é mais sentida que pensada e que as paixões estão no campo do agir prático, enquanto a razão está no campo das ideias.

Palavras-chave: David Hume. Paixão. Moral. Razão.

ABSTRACT

The purpose of this article is first to present Hume's ethical theory based on passions to, from then on, discuss what moves man's ethical action, especially today. In this path, a brief contextualization of Hume's work is made within the History of Philosophy, Hume's ethical theory is presented, differentiating the measure of passion and reason in man, the aim is to justify the theory of passions with humean morality. and interpret current human action. Thus, it starts from the analysis of Hume's work and, in the light of it, through deduction, a reflection and contextualization of his moral theory is made, supported by extensive literature. That said, it is observed that Hume's moral theory indicates that human action is born out of passions, since manifested moral action is more felt than thought and that passions are in the field of practical action, while reason is in the field of ideas.

Keywords: David Hume. Passion. Morality. Reason

1 INTRODUÇÃO

David Hume, de origem britânica do século XVIII, nascido em 1711 em Edimburgo é empirista, ceticista e naturalista (REALE; ANTISERI, 2007). Hume sintetizou

¹ Graduando do curso de Bacharel em Filosofia do Centro Universitário Salesiano – UniSales. E-mail: luanmottadeoliveira@gmail.com

² Licenciado em Filosofia (PUC/PR). Especialista em filosofia contemporânea (UFES) e Mestre em História Social das Relações Políticas (UFES). Filosofia: Ética. E-mail: cscherer@unisales.br

exemplarmente as noções centrais do empirismo e levou às últimas consequências o programa empirista de não admitir hipóteses que não possam ser experimentadas pelos sentidos. Os sentidos têm grande importância, pois favorecem o conhecimento das coisas através das impressões que geram as ideias que são recordações das impressões. A partir disso o homem apresenta um sentimento que aprova ou reprovava aquilo que ele conheceu, formando uma impressão de reflexão, daí também surge o seu agir na sociedade, de acordo com aquilo que lhe causa prazer, alegria e aquilo que lhe causa dor e medo.

Em sua obra “Tratado da natureza humana”, do ano de 1739, o filósofo reflete, nos livros II e III, sobre as paixões e a moral respectivamente. Afirma que os sentimentos humanos que brotam das experiências influenciam o agir. Destaca o filósofo que a paixão exerce um papel fundamental no agir humano e de que a razão só teria a responsabilidade de abordar e recordar esses sentimentos, sendo escrava da paixão.

Para Hume, o homem não consegue somente por meio da razão julgar o que é bom ou mau, ele precisa da moral. Essa moral não nasce da razão, mas das paixões, dos sentimentos do homem que experimenta pelas impressões aquilo que é agradável ou desagradável. Neste sentido, na atualidade é importante discutir esse assunto, diante de tantas barbáries e absurdos, que interpelam: onde está a razão humana?

Diante disso, olhar a realidade em que o homem está hoje e suas ações é de fundamental importância para o desenvolvimento deste estudo e assim perceber em que medida ele está sendo influenciado por sua razão, por seus sentimentos ou se o homem age conforme sua razão, suas paixões ou faz uso das duas para dirigir o seu agir.

Dito isto, busca-se neste artigo responder ou compreender a lógica do agir moral, na ótica humeana, discutindo se este agir está pautado na razão ou nas paixões humanas e, a partir dessa definição, indagar e refletir se na sociedade atual é a razão ou são as paixões que têm determinado o agir do homem na sociedade. Buscar resposta à essa problemática é o fio condutor deste trabalho.

Em busca desta meta, busca-se contextualizar a obra de David Hume dentro da história da filosofia, apresentando a teoria ética de Hume diferenciando a medida da paixão e da razão no homem, justificar a teoria das paixões com a moral humeana,

bem como analisar por meio da leitura de sua principal obra “Tratado da natureza humana” o que influencia a ação humana hoje. Para isto, o método dedutivo em pesquisa bibliográfica é que norteará o estudo da obra o “Tratado da natureza humana” e diversos artigos sobre o tema.

O presente trabalho apresenta considerável relevância e importância ética e social, pois faz uma análise do agir humano na convivência social. No campo acadêmico contribui para outros campos de conhecimento, como a psicologia e a neurociência, e na Filosofia com uma contribuição a mais nas pesquisas sobre a ética em Hume.

Portanto, se espera que o problema de pesquisa aqui proposto e apresentado possa ser respondido de forma teórica, mas também na forma de sua praticidade de maneira atual e objetiva.

2 DAVID HUME NA HISTÓRIA DA FILOSOFIA

David Hume (1711-1776) é um filósofo do período moderno da Filosofia (séc. XVIII). Com ele, o empirismo moderno ganha mais força, estrutura-se sobre colunas robustas e é “purificado” das influências que recebeu da metafísica, dos pressupostos ontológicos corpóreos e da religião (REALE; ANTISERI, 2007).

Na história das ideias, dificilmente encontramos um pensamento tão fatal para o pensamento metafísico (baseado em conceitos abstratos), quanto aquele que Hume expôs em suas Investigações sobre o Entendimento Humano (1748). Os argumentos de Hume foram tão convincentes que despertaram Kant de seu "sono dogmático" e influenciaram algumas das principais correntes contemporâneas da filosofia anglo-americana.

Influenciado principalmente por Newton, Hume tem o desejo de aplicar o método de observação dos objetos no sujeito para estudar justamente a natureza humana, sendo esse o objetivo com o qual ele escreveu o “Tratado da natureza humana”. Segundo ele, estudar essa natureza do homem é estritamente importante pelo fato de que as outras ciências dependem justamente da natureza humana. Neste sentido, na introdução do seu Tratado da natureza humana, Hume o apresenta como uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos

argumentos morais, buscando introduzir o modelo newtoniano no âmbito dos problemas humanos (SILVA, 2016).

Além de Newton, Hume também sofreu fortes influências do pensamento de Locke, a partir do qual deriva o seu projeto de estudar sistematicamente os processos mentais e a exigência de não estender a análise para além percepções. Para Hume, elas constituem o horizonte dentro do qual se move o conhecimento humano: nenhuma ideia é possível fora do âmbito das percepções (REALE; ANTISERI, 2007).

No conjunto da obra humeana, a questão da moral e da religião tem uma posição de destaque. A temática da formação das ideias de bem e de mal é tratada numa postura antimetafísica e antirracionalista, pois a razão não pode condicionar e comandar a vontade, porque ela é capaz de formular juízos de verdade e de falsidade, mas não pode determinar a esfera da atividade prática (HUME, 2009).

3 COMO NASCEM AS PAIXÕES E OS SEUS TIPOS

David Hume, como filósofo empirista que foi, desenvolveu toda sua filosofia em torno da experiência. Para ele, os sentidos têm papel fundamental para que o homem possa conhecer as coisas e a partir daí formar seus juízos e orientar suas atitudes e ações na sociedade. Hume inicia sua filosofia falando das impressões e ideias que cada um tem ao fazer uma experiência, que formam as percepções da mente (HUME, 2009).

As impressões são as percepções sensoriais de vivacidade maior que fazem brotar as paixões e as emoções, enquanto a ideia é conceituada como uma experiência menos vívida, uma impressão mais fraca, em que se formam imagens mentais fracas que provém da imaginação. A partir dessa conceituação de impressões, ele divide em originais e secundárias como ele mesmo afirma no livro dois do “Tratado da natureza humana”:

[...] Impressões originais ou de sensação são as que surgem na alma sem nenhuma percepção anterior, pela constituição do corpo, pelos espíritos animais, ou pela aplicação dos objetos sobre os órgãos externos. As impressões secundárias ou reflexivas são as que procedem de algumas dessas impressões originais, seja imediatamente, seja pela interposição de suas ideias. Do primeiro tipo são todas as impressões dos sentidos, e todas as dores e os prazeres corporais; do segundo, as paixões e outras emoções semelhantes (HUME, 2009, p. 309).

É bom que se tenha em mente que o conceito de paixão para Hume se trata do sentimento, daquilo que brota no homem a partir de sua experiência. De onde então tem origem as paixões? Ora, como Hume mesmo afirma, parte das impressões de reflexão que podem também ser divididas em calmas e violentas como afirma o próprio Hume (2009, p. 310), “[...] Do primeiro tipo são o sentimento [sense] do belo e do feio nas ações, composições artísticas e objetos externos. Do segundo são as paixões de amor e ódio, pesar e alegria, orgulho e humildade.” Assim, as paixões nascem sempre daquele sentimento que o sujeito experimenta ao fazer uma experiência.

O filósofo ainda divide essas paixões em diretas e indiretas para que se possa ter uma melhor compreensão e também fazer uma análise diante da forte influência que exercem na ação humana. As paixões diretas são aquelas que nascem diretamente do bem ou do mal, da dor ou do prazer; e as indiretas são o orgulho e a humildade, a ambição, vaidade, amor, ódio, inveja, malevolência, generosidade e a piedade, despertando no sujeito suas qualidades ou defeitos. Ele começa por primeiro a análise das paixões indiretas por estarem ligadas ao sujeito nas suas relações interpessoais.

A influência maior que recebem é da relação de ideias e impressões que o sujeito tem. Uma ideia tem relação com outra e aí se forma uma cadeia de ideias e emoções que tiveram origens a partir de impressões, desencadeando nas paixões indiretas. A relação de impressões acontece quando elas se conectam entre si por semelhança: "A tristeza e o desapontamento dão origem à raiva, a raiva à inveja, a inveja à malevolência, e a malevolência novamente à tristeza, até que o círculo se complete" (HUME, 2009, p. 317). As paixões do orgulho e da humildade têm um objeto, que é o eu, elas sempre estão para essa relação se estendendo para aquilo que o sujeito tem certa ligação ou posse.

[...] Por exemplo, um homem se envaidece com sua bela casa que lhe pertence, ou que ele próprio construiu e projetou. Aqui, o objeto da paixão é ele mesmo, e a causa é a bela casa; e essa causa, por sua vez, pode-se subdividir em duas partes: a qualidade que atua sobre a paixão e o sujeito a que tal qualidade é inerente. A qualidade é a beleza, e o sujeito é a casa, considerada como sua propriedade ou criação (HUME, 2009, p. 313).

Fica claro nesse trecho que aquilo que tem forte ligação com o sujeito é o que pode ser a causa de uma paixão, como o exemplo citado por Hume.

Hume também define o que é vício e virtude no seu sistema. Virtude está ligada ao prazer e o vício está ligado à dor. Daí se pode inferir um juízo diante das ações dos sujeitos, o que há de se ver nas distinções morais. Existe aqui uma ótima definição do filósofo:

[...] A hipótese mais provável já proposta para explicar a distinção entre vício e virtude, bem como a origem dos direitos e das obrigações morais, é que, por uma constituição primitiva da natureza, certos caracteres e paixões, só de vistos e contemplados, produzem um desprazer, e outros, de maneira semelhante, suscitam um prazer. O desprazer e a satisfação não são apenas inseparáveis do vício e da virtude, constituem sua própria natureza e essência (HUME, 2009, p. 330).

Portanto, as origens do vício e da virtude estão na dor e no prazer, mas são também a causa de todos os efeitos.

Dentro da filosofia humeana, a sua investigação também se detém no delimitar sobre o amor e o ódio. Já que o orgulho e a humildade têm como objetos o próprio homem (eu), o amor e o ódio têm por objeto algo externo à esse homem, ou seja, outra pessoa. As causas devem então ser diferentes do objeto. Segundo Hume o que desperta o amor e o apreço à alguém são suas qualidades de bom senso, virtude e outras. Enquanto que o ódio é despertado pelo contrário disso (HUME, 2009).

Para maior entendimento da reflexão que esse trabalho quer chegar, David Hume também afirma que as paixões do amor e do ódio sempre têm como sucessão a benevolência e a raiva, haja visto que amor e ódio levam o homem a agir, já que a mente é levada a algo além dela. Assim ele nos explica: “[...] O amor é sempre seguido por um desejo de felicidade da pessoa amada e uma aversão por sua infelicidade; e o ódio produz um desejo da infelicidade e uma aversão pela felicidade da pessoa odiada” (HUME, 2009, p. 401).

Alguns sentimentos que o homem tem diante de alguns fatos é o da compaixão e o da malevolência. Hume também fala do princípio de simpatia, o qual une todos os homens num grau de sentimento diante de ações que os levam a agir com piedade ou com ódio. Essa simpatia para que aconteça é necessário que haja uma noção da situação presente que nos é apresentada. Pode-se dizer aqui de uma empatia, de se colocar na situação do outro para sentir, através da ideia o que ele sente: “Por meio dessa noção vívida, interesso-me por essas circunstâncias, participo delas, e sinto

em meu peito um movimento simpático, conforme tudo que imagino passar no seu”. (HUME, 2009, p. 421).

Para que aconteça uma ação de piedade, de benevolência e de amor em relação ao outro em determinada situação, aquele que assiste o fato de desprazer de alguém, deve ter em si um alto e extenso grau de simpatia. Mas quando essa simpatia é fraca daí surge o ódio e o desprezo.

4 AS DISTINÇÕES MORAIS

Como se sabe, a filosofia sempre colocou a razão em um lugar de destaque em suas teorias e sistemas. Para David Hume, não existe como se pensa, uma dualidade entre razão e paixão, mas como já foi dito, cada uma tem sua responsabilidade na questão do agir e do conhecer humano.

O filósofo inicia o livro 3 do Tratado da Natureza Humana sobre a constituição da sociedade, conceito importante para este trabalho, que leva em consideração o agir do homem que está inserido nela atualmente. Ele vê o homem como frágil e com necessidades que exigem trabalho. Ele não possui algo que está à altura de suas necessidades. Somente pela constituição da sociedade o homem consegue supri-las, com a conjunção de forças, a divisão do trabalho e o auxílio de uns aos outros (HUME, 2009).

Na constituição e organização da vida em sociedade, o homem vai adquirindo bens e propriedades, o que exige uma definição da justiça. Assim, Hume define a justiça como uma convenção humana para distinguir aquilo que é meu e aquilo que é do outro. Ela é uma virtude artificial para o respeito com os bens e propriedades dos outros. Se a natureza satisfizesse todos os desejos dos homens e se todos eles tivessem consideração uns pelos outros a justiça não seria necessária, já que “o egoísmo humano é atizado pela escassez de nossos bens” (HUME, 2009, p. 535).

Desta forma, para o pensador escocês, as leis que existem na sociedade são convenções humanas que nascem das paixões e são necessárias para a sua sustentação. “O senso ou sentimento moral humeano não é um princípio, é uma construção social que inegavelmente se ampara na natureza, que pelo artifício

encontrou um meio para garantir a sobrevivência da espécie humana” (RIBEIRO, 2010, p. 64).

A diferença entre justa e injusta tem fundamentos no interesse próprio de cada homem, que percebe ser impossível viver em sociedade sem regras, e na moralidade que observa esse interesse próprio como algo comum em que os homens têm prazer nas ações sociais de paz (HUME, 2009).

É importante também definir o que ele pensa e diz sobre o papel da razão dentro da constituição da moral. Ela tem dentro de sua teoria moral o papel de informar ao próprio homem os meios para se alcançar determinado fim das paixões e também de dizer se o objeto que está relacionado com a paixão existe ou não.

David Hume no século XVIII se encontra em meio a três teorias sobre a moralidade. Uma primeira afirmava que ela é algo objetivo, existe fora do sujeito podendo ser distinguida pela razão, a segunda que era um ceticismo moral afirmando que ela é um amor próprio, e a terceira da qual Hume foi adepto o sentimentalismo moral (BALIEIRO, 2005).

Já que o homem conduz suas ações conforme as paixões, é importante olhar e justificar com a teoria moral de Hume, e de como ele afirma que o sujeito faz suas distinções morais diante daquilo que ele vivencia:

Como a moral, portanto, tem uma influência sobre as ações e os afetos, segue-se que não pode ser derivada da razão, porque a razão sozinha, como já provamos, nunca poderia ter tal influência. A moral desperta paixões, e produz ou impede ações. A razão, por si só, é inteiramente impotente quanto a esse aspecto. As regras da moral, portanto, não são conclusões de nossa razão (HUME, 2009, p. 497).

Diante do julgamento baseado no sentimento e não na razão, uma vez pois isso não lhe cabe por estar fora do campo das experiências, Hume vai distinguir aquilo que se vê na ação de outro como vício ou virtude: “[...] a virtude se distingue pelo prazer, e o vício, pela dor, produzidos em nós pela mera visão ou contemplação de uma ação, sentimento ou caráter” (HUME, 2009, p. 515). Portanto, o vício e a virtude são sentidos diante das ações. Não existem nos objetos e são sempre atribuídos à pessoa. Vale ressaltar que o homem já traz em si esses sentimentos como ideias que provém das impressões. Ao ver uma ação e experimentar uma nova impressão, essa ideia é recordada e sentida novamente como sentimento.

Ainda segundo o filósofo, a questão do vício e da virtude está ligada também às motivações que o homem tem para agir. Segundo ele, as ações também são frutos do caráter de cada homem. A realização de uma ação não tem mérito externo, mas deve se olhar o interior da pessoa, ou seja, o seu caráter. A ação é signo do interior de cada um. Portanto, se espera que um homem virtuoso possa agir de maneira virtuosa, enquanto um homem vicioso tenha ações desagradáveis na sociedade. Cada homem tem um temperamento diferente, pode ser mais amoroso ou áspero. A imoralidade, portanto, provém do desequilíbrio entre as paixões (HUME, 2009).

Diante disso, segundo Hume, pode-se afirmar três categorias psicológicas nas distinções morais: o agente moral, o paciente e o espectador. O agente moral, é aquele que desempenha uma ação; o paciente é o que sofre ou é afetado com a ação do agente moral e o espectador é o que observa a ação com um sentimento de aprovação ou desaprovação (FIESER, 2001). É a partir dessas distinções de papéis sociais que é possível entender sua teoria moral.

Hume também fala do princípio da simpatia, aquele que une todos os homens. Hoje pode ser traduzido por empatia que dentro das distinções morais tem o papel de colocar aquele que observa uma ação (o espectador) a transformar a ideia que ele tem se estaria no lugar do agente em paixão, em sentimento (CONTE, 2004).

Esse princípio da simpatia é fundamental para sustentar a ideia de que toda a teoria moral de Hume não se reduz a um subjetivismo moral, em que o agente faz seus juízos a partir de seus sentimentos enquanto outros fazem de maneira diferente. Por isso, a ideia do subjetivismo não se sustenta pela consideração de que os homens terão a partir da simpatia e da imparcialidade os juízos diante dos fatos a partir dos mesmos sentimentos experienciados.

Entende Hume que a partir desse princípio todas as mentes estão unidas no sentido de ter o mesmo sentimento e operações e de que ninguém é movido por um afeto que as outras pessoas também não sintam (NASCIMENTO, 2017).

A propósito dessa discussão, afirma Lunardi (2013, p. 106):

A internalização da simpatia de outras pessoas com os sentimentos de elogio e censura, amor e ódio tem o efeito de produzir em nós próprios tais sentimentos e, dessa forma, atribuímos a nós os méritos que os outros nos atribuem. A simpatia nos premia com uma sensação boa quando realizamos um ato virtuoso e nos dá uma pertinaz sensação de desconforto se somos responsáveis por um ato odioso.

Note que também é rejeitado o relativismo moral apresentando um funcionamento adequado ao conceito de simpatia acentuando uma perspectiva comum dos sentimentos morais diante dos fatos (SILVA, 2016).

Hume fala de uma comunicação entre os sentimentos, e por isso a importância de uma boa reputação, para que haja um sentimento de prazer e conseqüentemente a aprovação dos homens diante de alguma ação considerada virtuosa.

Moralmente bom, portanto, será o homem que age de maneira virtuosa, buscando o bem do outro e em conseqüência o da sociedade também. Aquele que age de maneira viciosa, buscando o mal e a infelicidade do outro será considerado moralmente mau (HUME, 2009).

O princípio da simpatia, acima explicitado, não é exclusivamente um pilar da constituição das distinções morais. Existe também o princípio da utilidade. Enquanto a simpatia valoriza o fim das paixões, a utilidade valoriza os meios para se chegar a tais fins. Quanto maior for a utilidade de uma ação para uma sociedade, quanto maior for o interesse por todos, mais valor receberá tal ação dentro do sistema moral. Essa também será a constituição da virtude (HUME, 2009).

Por fim, deve-se considerar que a moral, segundo Hume, é um conjunto de distinções que vão sendo formadas ao longo da convivência em sociedade, no observar (espectador moral) as ações dos homens, para daí poder emitir juízos que se formam a partir de ideias que se tornam sentimentos universais (simpatia), julgando que a finalidade das práticas deve ser sempre a felicidade, não só de um homem, mas da sociedade inteira em que está inserido e a boa reputação que cada um busca para si mesmo.

5 A RAZÃO E AS PAIXÕES NO AGIR HUMANO NOS DIAS ATUAIS

Esclarecido o que constitui a sua teoria moral, sua origem, seus tipos, é pertinente ao iniciar esse tópico destacar o papel da razão e das paixões nesta teoria:

Nada no decorrer da história da filosofia foi mais comum do que a oposição entre razão e paixão. A razão não só era tida como contrária às paixões, como era superior e soberana, enquanto as paixões eram tidas como cegas e enganosas. Tendo em vista essa falsa dicotomia, acreditava-se que até as ações virtuosas eram aquelas motivadas e reguladas pela razão, isto é, aquelas que não tinham influência das paixões (SANTOS, 2014, p. 182).

Ele esclarece em sua teoria das paixões que a razão não tem nenhum poder para determinar as ações humanas, sendo esse papel das paixões: “As motivações últimas para as ações encontram-se nas paixões, pois da natureza dos motivos humanos a razão não é, em si mesma, uma força” (OLIVEIRA, 2015).

Como empirista, parte sempre do campo da experiência, da vivência a partir dos sentidos: “[...] Como seu domínio próprio é o mundo das ideias, e como a vontade sempre nos põe no mundo das realidades, a demonstração e a volição parecem estar, por esse motivo, inteiramente separadas uma da outra [...]” (HUME, 2009, p. 449).

É daí que ele tira essa conclusão. Cada sujeito faz uma experiência diferente, com algum objeto ou pessoa e a partir disso tem uma emoção, um sentimento que pode ser agradável ou desagradável, que causa prazer e alegria ou tristeza e dor: “[...] O gosto, na medida em que dá prazer ou dor, e portanto constitui a felicidade ou a miséria, torna-se um motivo para a ação, e é a primeira mola ou impulso para o desejo e a volição” (BALIEIRO, 2005, p. 30).

Esse então é o ponto que Hume chega para determinar o agir humano. E diante disso qual é então o papel da razão, que para muitos é a única que pode guiar o homem de maneira segura e correta, enquanto os sentimentos levam ao vazio, ao nada, àquilo que é obscuro e proibido?

A razão, portanto, segundo Hume, é escrava das paixões. Não tem poder de determinar as ações humanas, já que estas têm origem das paixões que são experimentadas. Como afirmam Reale e Antiseri (2007, p. 570): “Isso significa proclamar a vitória dos jogos das paixões e, assim, negar que a razão possa ser prática, ou seja, que a razão possa guiar e determinar a vontade.”

A razão, segundo Hume (2009), serve mais para o campo das ideias, já que afirma que as relações de impressões e ideias influenciam no surgimento das paixões. A razão, portanto, não pode motivar uma ação e nem mesmo tem poder de impedi-la, sendo essa a força de uma paixão contrária àquela que motivou tal ação.

Mas nem por isso Hume descarta a razão, como já dito, ela coopera nas relações entre as ideias e também na escolha dos meios adequados para se chegar a um fim para a realização do desejo de alguma paixão:

Para Hume, a razão atua na descoberta de relações causais, podendo também nos informar a respeito dos melhores meios para atingirmos os nossos fins, que nunca são ditados por ela, mas pelas nossas paixões (Cf. T 3.1.1 e 2.3.3). E, de acordo com Hume, os fins ou aquilo que realmente nos atrai e nos move a agir são as expectativas de prazer ou dor que certos objetos ou ações nos oferecem. A razão simplesmente mostra que objetos produzem prazer ou dor, e, se fizermos, por exemplo, da busca do prazer o nosso fim, ela nos instrui acerca do melhor meio para alcançá-lo (CONTE, 2004, p. 65).

Diante disso, Hume afirma que não se pode falar em um combate ou tensão entre a razão e as paixões, mas sim que cada uma tem um campo de ação diferente:

[...] Ou seja, não há essa oposição entre esses dois princípios em sua filosofia, afinal, a razão diz respeito à verdade e à falsidade (ao demonstrável) e as paixões ao que é bom ou mal, assim nada pode ser mais contrário do que razão e paixão e, portanto, não há espaço para opô-las (SANTOS, 2014, p. 184).

Em que situação então uma paixão poderia ser considerada oposta à razão? Hume afirma que isso só pode acontecer em dois sentidos:

[...] Primeiro, quando uma paixão, como a esperança ou o medo, a tristeza ou a alegria, o desespero ou a confiança, está fundada na suposição da existência de objetos que não existem realmente. Segundo, quando ao agirmos movidos por uma paixão, escolhemos meios insuficientes para o fim pretendido, e nos enganamos em nossos juízos de causas e efeitos [...] (HUME, 2009, p. 451).

Levando ainda em consideração o poder que as paixões têm de influenciar o agir humano, cabe adentrar dentro desse pensamento de Hume nas paixões diretas, aquelas que o sujeito sente como efeito direto do bem e do mal, sendo que ela também tem força diante das paixões indiretas do orgulho e da humildade.

Além do bem e do mal, ou, em outras palavras, da dor e do prazer, as paixões diretas surgem frequentemente de um impulso natural ou instinto, inteiramente inexplicável. Desse gênero é o desejo da punição de nossos inimigos, e da felicidade de nossos amigos; e também a fome, o desejo carnal e alguns outros apetites corpóreos. Essas paixões, rigorosamente falando, produzem o bem e o mal, e não procedem deles, como os outros afetos (HUME, 2009, p. 475).

Fica assim explicitado por Hume, as vezes que o sujeito, que é definido como um ser que passa de um extremo ao outro e pode destruir o que ele mesmo construiu, age no mundo em que vive conforme as paixões indiretas ou do agir do homem conforme a benevolência ou a raiva, que ocorrem em conjunção com as paixões diretas.

À luz destes esclarecimentos de Hume, o agir humano na sociedade atual pode ser explicado, entendido e discutido com a teoria ética e moral de Hume, ou seja, a partir

das paixões. Atualmente é perceptível esse tipo de comportamento na sociedade, especialmente no campo da política, do desrespeito às minorias, povos indígenas, pobres e negros.

O discurso de ódio que se instaurou na sociedade brasileira é justamente uma ação verbal que também acompanha a prática de alguns, que provém das paixões indiretas, principalmente do ódio, que gera a raiva, o desejo de infelicidade daquele que é considerado inimigo, enquanto o amor é seguido de ações que têm por fim a felicidade do amigo (HUME, 2009).

Seguem dois fatos, ambos ocorridos em solo capixaba, e que podem ser analisados e discutidos à luz da teoria moral e ética de Hume. O primeiro fato foi noticiado pelo site do jornal “A Gazeta” no dia 15 de agosto de 2019. Segundo o jornal, uma idosa teve seu filho morto há dois anos e, com a intenção de vingar a morte desse seu filho, contratou três criminosos para matarem os possíveis suspeitos do homicídio. Tudo aconteceu no bairro Novo Horizonte, município da Serra. Os três criminosos então contratados por essa senhora não fizeram o serviço combinado e passaram a ser pressionados pela contratante. O desfecho desse caso resultou na morte dessa senhora, que com o desejo de vingar a morte do filho acabou sendo morta pelos seus contratados, segundo a polícia.

Ora, o fato acima descrito apresenta alguns elementos importantes. Primeiro o desejo de vingança da senhora contratante que brota do seu sentimento de ódio, raiva e rancor. Segundo, pode-se dizer que os três contratados são homens de caráter vicioso, pois já eram envolvidos no crime, na imoralidade. Por último, conclui-se que os criminosos mataram de maneira fria, sem se importarem com a lei ou com a boa reputação diante dos homens.

Agora, para aquele que viu ou vê diante de si um crime como esse não sente certo desconforto? Ou senão julga, pois é o expectador moral, de que esses homens e também a senhora, desejosa de vingança, praticaram uma ação viciosa e má no âmbito social, gerando certo desconforto e desaprovação da maioria dos homens. Cabe aqui, a declaração de Hume (2009, p. 517) para ilustrar o fato narrado: “A realização de uma ação não tem mérito externo, mas deve se olhar o interior da pessoa, ou seja, o seu caráter. A ação é signo do interior de cada um”.

Outro fato para a reflexão deste tópico e daquilo que propõe esse trabalho é a atitude de certos estudantes de Cachoeiro de Itapemirim, no sul do Estado do Espírito Santo. A notícia foi veiculada pelo jornal “Fato” (2020) do mesmo município. Crianças de uma escola particular distribuem no centro da cidade frases e palavras de incentivo para comerciantes que perderam suas mercadorias e lojas nas enchentes do mês de janeiro de 2020. O projeto foi nomeado como “Palavras que abraçam”. Foi a pior enchente que a cidade enfrentou em décadas, tendo o rio Itapemirim subido 12 metros. A fala de uma comerciante diante da atitude das crianças revela aquilo que aqui foi e está sendo discutido: “Me senti muito bem. A gente até esquece um pouco os problemas. É bom ver que as crianças já aprendem e sentem pela dor do outro. Nem todas as pessoas são capazes disso.”

O interessante nesse fato é poder observar o desenvolvimento e ação das crianças pelo sentimento de empatia ou simpatia como é entendido na linguagem de Hume. O sentimento de amor que gera ações virtuosas e de piedade pode ser visto explicitamente nessa situação, juntamente com a aprovação daqueles que viram a ação e que também foram alvos dela.

Outros acontecimentos do dia a dia podem ser vistos e analisados sob a filosofia de Hume, como os assaltos diários, a violência contra a mulher e o racismo, são situações e ações que são movidas pelo ódio e também pelo mau caráter de alguns. Enquanto que a ajuda humanitária aos que passam fome, a esmola que é ofertada a quem precisa e as atitudes que dão mais dignidade ao outro são motivadas pelo bom caráter e por sentimentos de amor, benevolência e pelo princípio da simpatia.

Em todas essas situações é possível ver como o agir humano é dirigido pelas emoções, paixões e sentimentos, pois “[...] as paixões do amor e do ódio são sempre seguidas pela benevolência e pela raiva, ou antes, ocorrem sempre em conjunção com estas últimas” (HUME, 2009, p. 401). E como já foi explicitado anteriormente, a razão aí também está presente, não de maneira direta dirigindo e suscitando as ações, mas indiretamente de maneira que os fins desejados sejam alcançados pelos meios possíveis e reais.

Ademais, os estágios psicológicos também se fazem presentes, como cada um ao ler também as notícias veiculadas e citadas nos jornais, certamente apresentou um sentimento de aprovação ou desaprovação moral. “De fato, quando sentimos prazer ou dor, essas sensações nos possibilitam diferenciar o bem do mal, guiando-nos

para aquilo que nos causa prazer e afastando-nos daquilo que nos causa dor” (COSTA NETA, 2017).

É importante considerar também que, Hume define que quando alguém age de forma amável e virtuosa na sociedade, pode ser julgado como quem age com o critério e influência direta da razão. Mas como já se sabe, isso não ocorre. Portanto, essas ações são frutos do que ele denomina paixões calmas que são os sentimentos de bondade, compaixão e piedade que brotam do amor e do desejo de felicidade alheia (HUME, 2009).

Dessa maneira, em oposição também existem as paixões violentas que são despertadas quando alguém causa algum dano à outra pessoa que logo tem sentimentos de ódio e reprovação que levam à uma ação de vingança, desejando seu mal ou punição.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, a busca foi por uma resposta ao agir moral dos homens a partir concepção a ética e moral de David Hume e pela análise e reflexão da ação humana hodierna, para uma possível concordância com o que o filósofo apresenta.

Depreende-se do estudo feito, que na base das valorações éticas não está um juízo da razão, mas um gosto, um sentido moral. Assim, tanto o vício quanto a virtude não resultam de uma avaliação racional, mas são julgados com base em uma imediata reação sentimental, ligada a impressões concretas. Desta maneira, são julgadas virtuosas aquelas ações que nos trazem um determinado prazer particular: esse prazer resulta da simpatia. A simpatia é uma paixão que nos leva a experimentar uma sensação agradável, quando se encontra ações benéficas para os outros, e desagradável, quando acontece o contrário.

Na concepção de Hume, não há valores éticos universais, como sugere a tradição socrático-cristã, mas somente valores ocasionalmente considerados bons ou maus, porque agradáveis ou desagradáveis ao gosto moral. Consequentemente, a moral é fruto de convenções, de acordo com os gostos de cada sociedade. Está claro e demonstrado que as paixões estão no campo do agir prático e que a razão está no campo das ideias, tendo uma influência indireta, como esclarecido ao longo do trabalho.

É importante frisar que o fundamental, e que tem mais valor para Hume, é que haja o respeito pelos outros, que os homens prezem por ações virtuosas buscando a benevolência e a felicidade de cada um, respeitando o que é do outro, delimitando a justiça e a virtude para um convívio saudável.

O agir humano, a sua origem e motivação foram o fio condutor para a busca de uma solução para a indagação original, assim formulada: em que medida a razão ou a paixão movem o agir ético do homem em Hume e hoje.

Os fatos apresentados no último tópico do texto “A razão e as paixões no agir humano nos dias atuais”, fundamentam bem a resposta acerca do problema de pesquisa. Assim, a partir da contextualização e reflexão feitas, é possível perceber e destacar os dois pontos centrais da teoria humeana. Primeiro, o fato da vingança de uma mãe - como foi narrado - foi movido exclusivamente pelo sentimento de ódio que levou a mesma a tal ação diante da morte de seu filho, que infelizmente não teve um final feliz como era de se esperar. No segundo fato, usando do princípio da simpatia que o filósofo apresenta, as crianças agem baseadas nesse princípio, dotadas de sentimentos de amor, benevolência e compaixão, sabendo se colocar desde tenra idade no lugar dos outros que sofrem e daí motivando a ação virtuosa.

Portanto, é possível uma resposta ao problema apresentado, tendo também em mente, como já esclarecido de que aqui não podemos falar de dualidade entre razão e paixão, como muito já foi feito e dito na história da filosofia. Cada uma tem o seu papel e seu campo de atuação e ambas são interdependentes para que uma ação possa acontecer.

A teoria moral de Hume também é prova de que o agir humano nasce das paixões. Isto, a partir de um olhar sobre a sociedade, pois a ação moral manifestada é mais sentida que pensada, distinguindo, inclusive, o vicioso do virtuoso a partir dos sentimentos que o expectador moral experimenta diante de ações do agente sobre um paciente. Está claro que as paixões estão no campo do agir prático e que a razão está no campo das ideias, tendo uma influência indireta, conforme bem demonstrado no texto.

Por fim, podemos concluir que o homem age de acordo com as suas paixões, tendo influência também do seu caráter e de que sempre existem homens que buscam a boa reputação e aprovação dos demais para viverem em sociedade.

REFERÊNCIAS

- A MORTE do filho, a busca pela vingança e o fim com assassinato na Serra da. **A Gazeta**. Vitória, 15 ago. 2019. Disponível em: <<https://www.agazeta.com.br/es/policia/a-morte-do-filho-a-busca-pela-vinganca-e-o-fim-com-assassinato-na-serra-0819>>. Acesso em: 09 set. 2020.
- BALIEIRO, Marcos Ribeiro. Razão e sentimento na teoria moral de Hume. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, São Paulo, v. 2, n. 7, p. 1-111, 08 jul. 2005. Semestral. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/163357>>. Acesso em: 15 maio 2020.
- CONTE, Jaimir. **A natureza da moral de Hume**. 2004. 208 f. Tese (Pós-graduação) - Curso de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Cap. 2. Disponível em: <<http://conte.prof.ufsc.br/txt-tese.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2020.
- COSTA NETA, Hercília Batista. **O papel das paixões na determinação do comportamento moral segundo David Hume**. 2017. TCC (Graduação) - Curso de Filosofia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/9656>>. Acesso em: 13 ago. 2020.
- ENCHENTE de empatia e solidariedade em Cachoeiro. **Fato**. Cachoeiro de Itapemirim, 20 fev. 2020. Disponível em: <<https://www.jornalfato.com.br/educacao/enchente-de-empatia-e-solidariedade-em-cachoeiro,350160.jhtml>>. Acesso em: 09 set. 2020.
- FIESER, James. **David Hume (1711-1776): teoria moral**. 2001. Tradução de Jaimir Conte. Disponível em: <<http://conte.prof.ufsc.br/txt-fieser1.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2020.
- HUME, David. **Tratado da natureza humana: uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2009.
- LUNARDI, Giovani M. **Sinto, logo decido: sensibilidade moral e normatividade na filosofia de David Hume**. Porto Velho: Eudfro, 2013.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 310 p. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/raianacansianlima/lakatos-marconi-fundamentos-de-metodologia-cientifica-46401881>>. Acesso em: 02 abr. 2020.
- NASCIMENTO, Marcos Antonio Alves do. **O conceito de simpatia e o seu papel na filosofia moral de David Hume**. 2017. 94 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br/vufind/Search/Results?lookfor=David+Hume+simpatia&type=AllFields&limit=20&sort=relevance>>. Acesso em: 01 jun. 2020.

OLIVEIRA, André Luiz Holanda de. Princípios norteadores da filosofia moral de David Hume. **Opinião Filosófica**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 5-20, 15 jul. 2015. Fluxo Contínuo. Disponível em: <<http://periodico.abavaresco.com.br/index.php/opiniaofilosofica/article/view/379>>. Acesso em: 01 maio 2020.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

RIBEIRO, Andreh Sabino. **Paixões propulsoras e razão diretiva na ciência moral de David Hume**. 2010. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/26052>>. Acesso em: 08 ago. 2020.

SANTOS, Rubens Sotero dos. A crítica de David Hume à razão. **Theoria**, Pouso Alegre, v. 6, n. 16, jul. 2014. Semestral. Disponível em: <www.theoria.com.br>. Acesso em: 13 maio 2020.

SILVA, Jean Pedro Malavolta e. **Simpatia e sentimentos morais em David Hume**. 2014. 71 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/156341>>. Acesso em: 10 maio 2020.